

Efeito cascata

Ana Cristina Satiro de Souza

Direto de Ponta Grossa, Paraná, chega a notícia pelo *Jornal da Manhã*¹ de algo que, muito provavelmente, veremos com frequência e que ainda está longe de apresentar todas as consequências. O título: “Do sonho ao pesadelo” anuncia o problema envolvendo o maior sonho de todo brasileiro – ter a casa própria.



O sonho da casa própria alimenta as esperanças da maioria da população, principalmente que já foi manchete dos jornais por motivos de enchentes e deslizamentos de área de risco.

Até que chega o dia de mudar para um terreno estável, seguro e viver inserido dentro do contexto urbano da cidade que tanto ajuda a construir com o trabalho diário. Mas, como entrar na casa? Esta não cai, não desliza e talvez não encha de água, porém não é possível entrar! Não existe acessibilidade no imóvel!

O conceito, hoje conhecido como acessibilidade foi discutido antes de 1660, época em que o Palácio de Versalhes foi desenhado e Luis XIV, da França, insistiu que considerassem que quando fosse velho poderia acompanhar seus convidados através dos amplos salões e jardins. O arquiteto de Luis XIV considerou isso uma excentricidade.² Talvez tenhamos exemplares deste profissional trabalhando no século XXI mesmo sabendo que o mundo está cada vez mais urbano.

¹ Disponível em: <http://www.jmnews.com.br/noticias/ponta%20grossa/1,5608,16,01,do-sonho-ao-pesadelo.shtml>
Publicado em 16 de Janeiro de 2011. Autor: Aline Rios, da redação. em: 16/01/2011.

² FIGINI, Lidia. *Espacio libre de barreras: diseno universal*. 1ª ed. Buenos Aires: Nobuko, 2006. (livre tradução da autora).

Desde 2008, pela primeira vez na história, mais da metade da população mundial vive na cidade e esse número não para de crescer nos países em desenvolvimento como o Brasil, conforme pesquisas da UNFPA - *United Nations Population Fund*³ que estimam que em 2030, três em cada cinco pessoas viverão em cidades.

Projetos habitacionais como o mencionado no jornal, são de grande importância para a população, mas deve haver responsabilidade social: desde a localização dos terrenos, no projeto arquitetônico, até a arborização dos conjuntos residenciais deve conter parâmetros de acessibilidade para que não haja gastos com adaptação da construção.

Conforme pesquisa realizada em Taubaté, SP, a Arquiteta Sandra Perito⁴ chegou a números alarmantes da adaptação em construção. Construir um imóvel acessível aumenta o custo da obra em 3,5% do total. Já adaptá-la eleva o custo final da obra em 35%. Esta conta será paga por todos nós.

Paralelamente, há uma tendência mundial de envelhecimento da população, principalmente devido aos avanços na medicina, campanhas de imunização, melhora das condições de saneamento básico, entre outras levando a Organização das Nações Unidas – ONU, a considerar o período de 1975 a 2025 como a “Era do Envelhecimento” onde o aumento da expectativa de vida é descrita em números muito expressivos – 33,7% no início do século, 69,0% em 2000 e com previsão de alcançar 77,08% em 2025⁵.

Nos países em desenvolvimento, como o Brasil, o contingente de idosos nas cidades aumentará 16 vezes; de 58 milhões em 1998 passará para 908 milhões em 2050¹, o que equivale a um quarto da população urbana. Esta população, assim como as mães com filhos pequenos, pessoas com doenças crônicas e idosos nutrem por metrópoles como São Paulo, a esperança de viver bem, melhor e mais tempo! Um lugar onde tudo é possível.⁶

Entretanto, alcançar este “possível” implica em questionar se as cidades estão sendo pensadas em função da diversidade e preparadas para atender adequadamente aos mais diversos cidadãos em processo de envelhecimento além de refletir sobre ações atuais, seja da iniciativa privada ou pública, que vão garantir o bem-estar de seus moradores, usuários e suas diferentes necessidades, caso contrário poderá acarretar problemas em efeito cascata, podendo atingir até a saúde pública.

Isso mesmo, a construção civil pode gerar um problema de saúde pública. Estes projetos atendem em sua maioria a famílias de jovens adultos que, salvo

³ Disponível em: <http://www.unfpa.org/pds/urbanization.htm> em 21/08/2009.

⁴ Disponível em: <http://www.universalhome.com.br> em: 18/01/2011.

⁵ MINAYO, Maria Cecília de Souza, *Visão antropológica do envelhecimento humano*. Em Velhices – reflexões contemporâneas. São Paulo: SESC:PUC-SP, 2006, p. 48.

⁶ NEPE, Núcleo de Estudos e Pesquisa do Envelhecimento. *São Paulo 450 anos: O envelhecer na metrópole*. Revista Kairós: gerontologia, v.7 – n. 1 / Núcleo de Estudos e Pesquisa do Envelhecimento. Programa de Estudos Pós-Graduação em Gerontologia – PUC-SP. Ano 1, n.1, 1998. São Paulo: EDUC, 1998. p. 14.

possíveis intercorrências, há a certeza de envelhecerem e como todo processo de envelhecimento, haverá restrições de mobilidade. O sonho da casa será a armadilha no futuro do morador.

Segundo a OMS⁷, a maioria das pessoas, com 60 anos ou mais, dizem não ter recursos para adaptação no ambiente onde mora e precisa, necessariamente, mudar para Instituições de Longa Permanência (ILP). Estas, para atender a demanda de projetos, hoje habitacionais, deverão ter o aporte dos governos e que precisam crescer em número substancial para atender a enorme demanda que estamos plantando ao instalarmos construções que excluirão o morador idoso de sua casa. Pensar a arquitetura hoje para melhorar o amanhã é responsabilidade social e prevenção de futuros problemas que virão em efeito cascata.

Ana Cristina Satiro de Souza - Arquiteta e Gerontóloga. E-mail: ana_satiro@hotmail.com

⁷ OMS, Organización Mundial de La Salud; OPS, Organización Panamericana de la Salud. *Plan de Acción sobre la Salud de las Personas Mayores incluyendo el Envejecimiento Activo y Saludable*. 144.a Sesión del Comité Ejecutivo, 2009.